

ESTUDO TERMINOLÓGICO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O LETRAMENTO NO BRASIL – O LEITOR POUCO PROFICIENTE

Vilma de Fátima SOARES

RESUMO: Este trabalho é parte integrante de um projeto de dissertação de mestrado que visa à elaboração de um catálogo de espécies arbóreas para educação ambiental, tendo, como público-alvo, o leitor pouco proficiente.

Dentro do planejamento de um projeto terminográfico, existem decisões prévias que devem ser tomadas e uma delas é a determinação do público leitor, porque implica diretamente na escolha da linguagem utilizada na redação das definições e nas estratégias discursivas.

O nosso objetivo é demonstrar a necessidade da elaboração de textos mais acessíveis que atendam ao público leitor pouco proficiente que, como demonstra o INAF (2005), é a maioria do povo brasileiro, um público excluído pela linguagem a ter acesso à informação e ao conhecimento.

Consideramos para isso, os estudos terminológicos e lexicológicos de Cabré, Barbosa, Alves Barros e Aubert; os estudos sobre textos e leitores de Kato (1985), Kleiman (1995) e Bocchini (2006); e o Índice de Letramento no Brasil (INAF 2005).

Como metodologia, traçamos a seguinte trajetória: identificação das características do público leitor; o processamento em leitura e os processos de decodificação do leitor pouco proficiente em comparação ao leitor proficiente; a transcodificação da linguagem do científico ao popular, considerando os eixos sintagmático e paradigmático.

Em conclusão, constatamos que é possível escrever para o leitor pouco proficiente se considerarmos suas limitações, ou seja, seu vocabulário de uso assim como seu processo de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: terminologia; educação ambiental; público-leitor; letramento; tradução intralingual.

INTRODUÇÃO

A questão ambiental vem sendo discutida, com maior ênfase, desde a década de 90, com críticas cada vez mais acirradas sobre a “destruição” do meio ambiente, desmatamentos e todos os tipos de poluição, que provocam o aquecimento global, pondo em risco a vida no e do Planeta.

1 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Linguística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

Grupos organizados em movimentos ecológicos, como o Greenpeace, alertam, para os perigos do desenvolvimento econômico desenfreado que não respeita a natureza Humana.

Considerando a questão ambiental, mais especificamente, na capital de São Paulo, observamos que, como toda grande metrópole, tem pago o seu desenvolvimento com o sacrifício do meio ambiente.

Na tentativa de minimizar o problema ambiental na capital do estado, dentre outros projetos, o governo estadual começou, em 1999, a idealizar o Projeto Pomar, com o objetivo de promover a recuperação ambiental e a revegetação das margens do Rio Pinheiros.

Entretanto, para que tais esforços gerassem resultados positivos para a sociedade em geral, eram necessárias estratégias que pudessem ser aplicadas e que fossem viáveis operacionalmente. Uma dessas estratégias é a educação ambiental que, para a sua viabilização, a questão da transmissão da informação foi e continua sendo de suma importância. No entanto, especialistas da área, como a pesquisadora Patrícia Povoia de Mattos, da Embrapa Florestas, e o biólogo, então coordenador do Projeto Pomar, Alexandre Soares, consideram que uma das dificuldades em atingir o público leigo é a existência de muita informação em literatura técnica, sendo que a linguagem de especialidade não é acessível para a compreensão desse público.

A elaboração de um catálogo de espécies arbóreas para reflorestamento seria, então, uma das ferramentas para a educação ambiental. Ademais, os documentos terminológicos têm uma importante função social: a de solucionar problemas conceituais e garantir a comunicação e expressão das atividades técnico-científicas.

Considerando as dificuldades de comunicação dos níveis de linguagem de especialidade a linguagem popular, decidimos por determinar quais as características do público leigo que os especialistas se referiam, porque a determinação da competência em leitura do público é importante para a escolha da linguagem usada na redação das definições e na escolha das estratégias discursivas.

2 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Linguística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

O LETRAMENTO NO BRASIL

Para identificarmos o público leigo, que denominamos também de público-leitor, fizemos uma pesquisa sobre os índices de letramento no Brasil e detectamos um quadro alarmante, de acordo com o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF, que mensura os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira entre 15 e 64 anos de idade. De acordo com o INAF, os dados em 2005, são os seguintes:

BRASIL

POPULAÇÃO (15 a 64 anos) em 2005: 122.708.812

ANALFABETOS (PNAD 2005): 10.711.266 (9%)

	LETRAMENTO	NUMERAMENTO
INAF - ANALFABETOS	9.874.768 (8%)	2.790.230 (2%)
INAF - NÍVEL RUDIMENTAR	37.168.381 (30%)	37.714.103 (31%)
INAF - NÍVEL BÁSICO	44.180.897 (36%)	55.038.060 (45%)
INAF - NÍVEL PLENO	31.484.767 (26%)	27.708.812 (22%)

Tabela 1 (Disponível em: <http://www.ipm.org.br> / Acesso em setembro de 2007)

O INAF segmenta os brasileiros em quatro níveis de acordo com suas habilidades em leitura/escrita (letramento) e em matemática (numeramento), e detalha essas habilidades como demonstra a Tabela 2.

O público que desejamos atingir se concentra, em sua maioria, nos níveis rudimentar e básico da Tabela 1, o que significa 66 % no letramento e 76% no numeramento, da população nacional. Com esse panorama de analfabetismo, ou quase alfabetismo, no Brasil, aumentou a nossa preocupação na elaboração de textos que fossem mais acessíveis.

3 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Linguística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

Para Bocchini (2007), “a acessibilidade dos textos é crucial numa realidade de profundas desigualdades de proficiência em leitura”.

Detalhamento dos níveis de alfabetismo:

	Habilidades leitura/escrita (letramento)	Habilidades matemáticas (numeramento)
Alfabeto	Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem decodificação de palavras e frases.	Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas elementares com números, como ler o preço de um produto ou anotar um número de telefone.
Rudimentar	Corresponde à capacidade de localizar informações explícitas em textos curtos, um anúncio ou pequena carta.	Corresponde à capacidade de ler números em contextos específicos como preço, horário, números de telefone etc.
Básico	Corresponde à capacidade de localizar informações em textos um pouco extensos, podendo realizar pequenas inferências.	Corresponde à capacidade de ler números, resolver problemas simples envolvendo soma, subtração e multiplicação, ou mesmo a identificação de relações de proporcionalidade, ainda que recorrendo eventualmente à calculadora.
Pleno	Corresponde à capacidade de ler textos longos, orientando-se por subtítulos, localizando mais de uma informação, de acordo com condições estabelecidas, relacionando partes de um texto, comparando dois textos, realizando inferências e sínteses.	Corresponde à capacidade de controlar uma estratégia na resolução de problemas mais complexos, que exigem a elaboração e a execução de uma série de operações relacionadas entre si, apresentando, ainda, familiaridades com mapas e gráficos e outras representações matemáticas de um social freqüente

Tabela 2 (Disponível em: <http://www.ipm.org.br> / Acesso em setembro de 2007)

Observamos que o nosso público-leitor é um leitor pouco proficiente, com um vocabulário muito limitado, sendo que seu processo de leitura envolve muito pouco reconhecimento visual instantâneo. Ele pode ler as palavras o que não significa que esteja compreendendo os significados.

4 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Linguística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

O LEITOR PROFICIENTE X LEITOR POUCO PROFICIENTE

Kato (1985) considera que ,

...a leitura proficiente, de acordo com estudos, principalmente, nas áreas de psicologia e psicolinguística, se dá por reconhecimento instantâneo e não por processamento analítico-sintético, ou seja, as palavras são lidas não letra por letra ou sílaba por sílaba, mas como um todo não analisado...[...]...A leitura de uma palavra, por um leitor competente, é feita de maneira ideográfica de acordo com Smith (1978), onde o reconhecimento das palavras se dá como o reconhecimento de outro objeto qualquer, ou seja, pela sua forma (seu contorno) sem análise das partes.

O exemplo abaixo ilustra essa teoria:

De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e a última letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma total bagunça que você pode ainda ler sem problema. Isso é porque nós não lemos cada letra isolada, mas a palavra como um todo.

Abarços

Uma palavra pode ser reconhecida instantaneamente por um leitor em virtude de fazer parte de seu léxico visual, sendo que sua apreensão é feita através de seu contorno e de algumas letras que atuam como pistas. Gibson e Levin (1975), conforme citado por Kato (1985), relatam que muitos experimentos atestam que a primeira e a última letras de uma palavra é que são determinantes e que os erros de escrita complementam e reforçam essa hipótese, pois a maior parte deles ocorre em posição medial. Smith considera que quanto mais eficiente o leitor, maior seu vocabulário visual (cerca de 50.000) e que se deterá à análise de unidades menores quando estas forem estranhas a seu universo.

Kleiman (1995), em seus estudos sobre leitores e textos, considera que “ a tarefa de compreensão de um texto pelo leitor, pode ser complexa porque existe uma rede de relações sintáticas, lexicais, semânticas, pragmáticas, em nível de sentença, período, parágrafo, tornando o objeto rico demais para uma percepção rápida, imediata e total” .

5 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Linguística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

O conhecimento lingüístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento da compreensão, a construção da significação.

Para constatar o distanciamento do leitor com o texto, muitas vezes excludente, tomamos como exemplo a descrição do *jatobá*, no *Dicionário de Espécies Florestais Brasileiras*,

JATOBÁ

Forma: **árvore semicaducifólia**, com 8 a 15 m de altura e **40 a 80 cm de DAP**, podendo atingir até 20 m de altura, em matas do Brasil central (**Bobrowiec et al., 2000**) e 35 m de altura e **120 cm de DAP**, na idade adulta, no **Paraguai (Lopez et al., 1987)**

Texto extraído do site:

<http://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/index_especies.htm>

Observem que o termo especializado *árvore semicaducifólia* requer do leitor um processamento analítico-sintético, um trabalho da memória superficial de decodificação e recodificação, por acesso ao seu léxico mental, tornando evidente a necessidade de uma tradução intralingual, ou transcodificação, para torná-lo acessível ao público que desejamos atingir, um público pouco letrado que não possui esse conhecimento.

Kleiman (1995) afirma que “ um dos maiores fatores envolvidos na dificuldade que um leitor pouco proficiente encontra para chegar a ler e entender é que os textos que ele lê são muitas vezes difíceis demais para ele” .

Bocchini (2006) concorda com as posições de Kato e Kleiman e complementa que é preciso “ retirar o arame farpado” que afasta o leitor do texto. Sugere uma lista de cuidados que se deve tomar ao redigir para leitores pouco proficientes:

- ajude o leitor a ativar os conhecimentos prévios que ele tem sobre o assunto do texto;
- ajude o leitor a predizer o texto, imaginar sua estrutura e seus conteúdos;

6 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Lingüística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

- respeite os limites da memória imediata do leitor;
- descubra as palavras que o leitor conhece, use e explique, no próprio texto, as palavras que o leitor não conhece;
- descubra o campo de conhecimento de mundo do leitor e trabalhe a partir dele para apresentar informações novas;
- use a estrutura narrativa sempre que possível: é a que o leitor conhece melhor;
- dirija-se ao leitor e coopere com ele na expectativa que tem de um texto coerente, parcimonioso, canônico e coeso.

Consideramos, assim, que os leitores entendem melhor os textos que apresentam um maior número de palavras familiares, em seqüência ordenada, ou seja, que fazem parte de seu universo de conhecimento e uso. Esse é um dos cuidados que temos ao fazer opções para a redação do texto final que comporá o catálogo.

TRADUÇÃO INTRALINGUAL COMO FERRAMENTA MEDIADORA

Partimos do princípio de que a tradução está sempre presente em nossas vidas. Aprender a falar, como diz Paz (1990), é aprender a traduzir; “quando uma criança pergunta à sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que realmente lhe pede é que traduza para sua linguagem o termo desconhecido”. O simples ato de escrever já é um traduzir, transpõe para a escrita o que se pensa ou sente.

Muitos estudiosos citam a tradução intralingual como possibilidade de facilitar a compreensão de um texto de linguagem específica para um público leigo, mas não se aprofundam de forma a sugerir procedimentos tradutórios.

Segundo Jakobson (1995), dentro da lógica moderna, são considerados dois níveis de linguagem, a “linguagem-objeto”, que fala de objetos, e a “metalinguagem”, que fala da linguagem. A “metalinguagem” é a linguagem da linguagem. Ela pode ser intralingual”

7 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Lingüística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

dentro do mesmo código, ou “interlingual”, quando se refere a línguas diferentes, ou, ainda, “intersemiótica”, tratando-se de diferentes sistemas de signos. Todas as vezes que um receptor não consegue captar o conteúdo total da mensagem, por desconhecimento do léxico ou da própria estruturação da frase, o emissor se vê na obrigação de recodificá-la, empregando signos equivalentes e reformulando-a, no plano léxico e/ou sintático. Realiza-se, então, uma tradução intralingual, ou seja, a interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.

A tradução intralingual pode ser feita de um texto escrito em épocas remotas, com utilização de elementos lexicais e/ou sintáticos em desuso, como romances do século passado que exibem muitas palavras e expressões desconhecidas na atualidade, de textos que registram variantes regionais ou dialetais da língua, dos que são expressos em jargões específicos de grupos ou faixas sociais e, ainda, dos que apresentam vocabulários específico, técnico ou científico.

Cardoso (1986), em seu artigo sobre tradução intralingual, cita alguns exemplos que ilustram bem a necessidade dessa tradução, sugere para um trecho escrito em português galaico (arcaico), extraído de uma cantiga de amigo de Martin Giizo, jogral que freqüentou a corte de Afonso X, as seguintes possibilidades:

Texto de Partida (TP) : “Treydes, ay, mha madr’, en romaria”

Texto de Chegada (TC) 1 : “Ides, ai, minha mãe, em romaria, “ (substituição de vocábulos)

Texto de Chegada (TC) 2 : “ Você vai, minha mãe, em romaria, “ (paráfrase mais livre)

Cardoso observa que pode haver várias possibilidades de tradução para um mesmo original, assim como em uma tradução bilingüe.

Outro exemplo são os textos regionalistas que preservam os modismos locais e que alguns autores, para simplificar o trabalho de leitura, acrescentam um glossário ao final do texto. O mesmo acontece, algumas vezes, com os textos técnicos e científicos que se utilizam de um vocabulário específico e restrito, circunscrito a um público minoritário.

8 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Lingüística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

Para leigos no assunto, proficientes ou não, a linguagem de especialidade torna o texto totalmente impermeável ao entendimento.

Se faz necessário a tradução intralingual para reexplicar os conceitos difíceis e diminuir a complexidade do texto de especialidade, para que a mensagem do texto atinja o leitor.

Consideramos que dentro de uma mesma língua existe, o que Barbosa (1998) denomina de *continuum* (eixo entre parâmetros) ou uma via de mão dupla, por onde transita a terminologização (transformação de um vocábulo em termo) e a vocabularização, também chamada de vulgarização, popularização ou banalização (transformação de um termo em um vocábulo). Podemos dizer aqui que áreas de especialidade diferentes emprestam termos umas das outras, mantendo o mesmo conceito ou não, assim como podem emprestar vocábulos da língua comum e vice-versa. Consideramos, também, a existência de um *continuum* tipológico, do mais formal ao mais informal, tanto na linguagem falada quanto na escrita, que cruza com esse *continuum* entre parâmetros.

Assim, partimos da premissa de que em uma mesma língua, existem diversas linguagens que se identificam e se diferenciam dentro de eixos, paradigmático e sintagmático, como se fossem línguas diferentes.

Para exemplificarmos a nossa proposta, como ensaio inicial de uma tradução intralingual, recortamos os três primeiros parágrafos do Texto Original, que denominamos de Texto de Partida (TP), texto extraído do *Dicionário Eletrônico de Espécies Florestais Brasileiras*, no site da Embrapa:

<http://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/index_especies.htm>.

Assinalamos todos os termos e expressões que pudessem causar um certo estranhamento no leitor comum, mais especificamente, os termos pertencentes à área de meio ambiente (botânica); buscamos a equivalência tradutória para cada termo marcado, consultamos dicionários de meio ambiente e de botânica, de língua geral, sites específicos e o biólogo do Projeto Pomar.

JATOBÁ

Importância sociológica: o jatobá é característico do interior da **floresta primária**. Na floresta, os **indivíduos** encontram-se distanciados uns dos outros. É **árvore longeva**.

Regiões fitoecológicas: *Hymenaea courbaril* var. *stilbocarpa* é espécie característica da Floresta Estacional Semidecidual, na **formação Submontana**, onde ocupa o **estrato dominante** (Rizzini, 1971; Carvalho et al., 1996). É também encontrado na **Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica)**, na **Floresta Estacional Decidual no Vale do Rio Paranã, em Goiás (Sevilha & Scariot, 2000)**, e na **Floresta Estacional Decidual Submontana, no baixo Paranaíba, em Minas Gerais (Carvalho et al., 1999)**; no **Cerradão**, preferencialmente na **mata ciliar (Durigan et al., 1997)**, e nos **encraves vegetacionais na Região Nordeste, nas serras (Fernandes, 1992)**.

Forma: **árvore semicaducifólia**, com 8 a 15 m de altura e **40 a 80 cm de DAP**, podendo atingir até 20 m de altura, em matas do Brasil central (Bobrowiec et al., 2000) e 35 m de altura e **120 cm de DAP**, na idade adulta, no **Paraguai (Lopez et al., 1987)**.

Considerando as limitações do nosso leitor, elaboramos duas possibilidades de tradução para o mesmo TP, denominadas Texto de Chegada 1 (TC1) e Texto de Chegada 2 (TC2), como segue:

TC 1:

Importância sociológica: o jatobá (*Hymenaea courbaril*) é uma árvore característica do interior da floresta primária, uma floresta que jamais foi explorada. Na floresta, os jatobas encontram-se distanciados uns dos outros. É árvore longeva, dura até 500 anos.

Regiões: o jatoba é uma espécie de árvore que ocorre do Piauí ao norte do Paraná, em Floresta Semidecidual, florestas que perdem as folhas no final de cada estação, e em Florestas que se localizam nos topos das serras. Eles crescem em solos de alta e média fertilidade (cerrados).

Descrição:

Forma: árvore semicaducifólia, que perde parte das folhas durante a estação seca, podendo atingir até 20 m de altura, em matas do Brasil central, e até 35 m de altura no Paraguai.

TC 2:

Jatobá: árvore característica do interior de uma floresta que jamais foi explorada, floresta virgem. Eles se encontram distanciados uns dos outros e duram até 500 anos.

10 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Linguística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

Regiões: o jatoba aparece desde o Piauí até o norte do Paraná, em florestas que perdem as folhas no final de cada estação e, com mais frequência, em florestas que se localizam nos topos das serras. Os jatobas crescem em terras de alta e média fertilidade (cerrados).

Descrição:

Forma: árvore que perde parte das folhas durante a estação seca, podendo atingir até 20 m de altura, em matas do Brasil central, e até 35 m de altura, no Paraguai.

Ao fazermos as escolhas das equivalências para os TC1 e TC2, tivemos em mente o leitor pouco proficiente. Existem N possibilidades para tornar o texto mais acessível, mas convém lembrar que o tradutor tem limites impostos pelo gênero textual, ou seja, neste caso, estamos tratando de um texto descritivo, com finalidade informativa, que não deve perder essa característica.

Dentre os diversos procedimentos da tradução segundo Aubert (1998), podemos destacar o uso de alguns em especial: a omissão, procedimento pelo qual se procura evitar a dificuldade, como a omissão de '(Rizzini, 1971; Carvalho et al., 1996)', um dado que achamos desnecessário para o receptor comum, assim como, '40 a 80 cm de DAP', uma informação que afasta o leitor pouco proficiente por se tratar de um dado muito especializado, que significa "Diâmetro na altura do peito" ; a explicitação (recurso à paráfrase, aposto explicativo, etc.) foi utilizada em diversas partes do texto como, "árvore semicaducifólia, que perde parte das folhas durante a estação seca"; a adaptação/modulação, foi uma alternativa que encontramos para recuperar o que poderia ter sido perdido pelas omissões, como em: "o jatobá é uma espécie de árvore que ocorre do Piauí ao norte do Paraná, em Floresta Semidecidual, florestas que perdem as folhas no final de cada estação, e em Florestas que se localizam nos topos das serras. Eles crescem em solos de alta e média fertilidade (cerrados)".

Um outro procedimento utilizado foi a tradução intersemiótica, introduzimos uma ilustração no texto traduzido para ajudar o leitor pouco proficiente na formação de sua imagem mental.



Figura 1: <<http://www.clubedasemente.org.br/jatoba.html>>. Acesso em: fev. 2008.

Procuramos seguir o sugerido por Kato, Kleiman e Bocchini na substituição, nos cortes ou omissões de termos de especialidade, como analisado.

As opções feitas para TC1 e TC2 têm poucas variações, mas pode-se notar que TC2 é uma tradução mais livre, substituindo os termos por paráfrases, “**árvore semicaducifolia**” por “**árvore que perde parte das folhas durante a estação seca**” .

As nossas sugestões não têm a pretensão de esgotar as possibilidades de tradução para esse texto e estamos num processo de avaliação para a melhoria do texto final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

12 ¹ SOARES, Vilma de Fátima. USP - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Departamento de Semiótica e Linguística Geral. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 – CEP 05508-900, São Paulo SP – Brasil. soaresvilma@usp.br

O nosso tema chama a atenção para a reflexão do letramento no Brasil e da necessidade de elaboração de textos mais acessíveis que atendam o público leitor pouco proficiente, que, como demonstra o INAF, é a maioria do povo brasileiro.

Acreditamos que a tradução intralingual é uma ferramenta eficiente, fazendo a ponte para tornar um texto mais acessível, na mudança de registro da linguagem científica à popular.

Diante deste panorama, lembramos as reflexões de Barbosa (2004) sobre a interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e a importância da construção de uma metalinguagem precisa e caracterizadora:

...toda ciência ou tecnologia, seja do ponto de vista epistemológico, seja do metodológico, seja, ainda, daquele da construção do seu saber metalingüístico, estabelece estreitas relações de cooperação interdisciplinares, no nível das ciências básicas, ou no nível das ciências aplicadas, e a alimentação e realimentação entre estas e aquelas – com outras ciências básicas, ciências aplicadas e/ou tecnologias. Esse processo de contribuição recíproca, entre tais disciplinas, não lhes retira, contudo, a especificidade do objeto de estudo, campo, métodos e técnicas e, até mesmo, de modelos e de metalinguagem. De fato, sustentando-se todas nesse relacionamento complexo e dinâmico de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, alimentação e realimentação, intra e inter-áreas do conhecimento humano, perseguem, efetivamente, objetivos comuns: a busca da verdade, a análise e descrição do seu objeto, a redução dos fatos a modelos, a construção do saber, o aprimoramento da qualidade de vida, a construção de um discurso metalingüístico específico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, F. H. “ Modalidades de tradução: teoria e resultados” . In: *TradTerm 5.1*. São Paulo, CITRAT/FFLCH/USP, 1998.

BARBOSA, M. A. (2004). “ A terminologia e o ensino da metalinguagem técnico-científica” . In: ISQUIERDO, A. N. ; KRIEGER, M. G. (orgs.). *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Volume II. Campo Grande, MS: ED. UFMS.

_____. (2002) “ Transposições vocabulares e terminológicas em campos lexicais – ensino da metalinguagem técnico-científica” . In: *VI Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*, Rio de Janeiro-RJ, 2003.

_____. (1998) "Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações". In: *Acta semiotica et linguistica*, V. 7; (São Paulo, Plêiade), p. 25-44.

BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BOCCHINI, M. O. e ASSUMPCÃO, M. E. O. O. *Para escrever bem*. 2º Ed. São Paulo, Editora Manole, 2006.

CARDOSO, Z. A. “ A tradução intralingual” . In: *Tradução & Comunicação*. Alamo, v.9, n.9, p.85-102, 1986.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP, Pontes/Editora da Unicamp, 1995.

PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. 3 ed. Barcelona: Tusquets Editores, 1990.

SITES:

INAF: Indicador de Alfabetismo Funcional:

<http://www.ipm.org.br>

Espécies Florestais Brasileiras :

http://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/index_especies.htm

Clube da Semente:

<http://www.clubedasemente.org.br/jatoba.html>

Dicionário de Meio Ambiente:

http://www.jornaldomeioambiente.com.br/dicionario_ambiente/f.asp

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVES, I.M. *Neologismos – criação lexical*. São Paulo, Ática, 1990.

AZENHA JR., João. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais*. São Paulo : Humanitas, 1999.

CABRÉ, M. Teresa. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Editorial Empuries, 1993.

_____ (1999). Hacia una teoría comunicativa de la terminología: aspectos metodológicos. In: _____. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: IULA/Universitat Pompeu de Fabra, p. 129-150.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIBERATO, Yara e FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo, Contexto, 2007.

